



“SEU NOME RIMAVA COM HAKUNA MATATA”: UM ESTUDO SOBRE O CONTO “NO SEU PESCOÇO” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Francielle Maria Modesto Mendes
Universidade Federal do Acre (UFAC)
E-mail: franciellemodesto@gmail.com

RESUMO: O artigo tem por objetivo analisar o conto “No seu pescoço” (2017), publicado no livro de mesmo nome, de autoria da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. No trabalho de análise, observa-se de que forma os Estados Unidos e seu povo são representados e estereotipados a partir do olhar do colonizado – a personagem Akunna, que é nigeriana, nascida em Lagos; quais elementos das culturas nigeriana continuam presentes na vida da personagem principal mesmo quando ela se muda para o estado de Maine e, posteriormente, para Connecticut. Além disso, o artigo pretende identificar o racismo vivido pela personagem ao estabelecer um relacionamento amoroso com um homem estadunidense branco. Para embasar o estudo, será discutido o conceito de “terceiro espaço”/hibridação cultural, do Homi Bhabha (2013), e o pensamento abissal, de Boaventura de Sousa Santos (2018, 2020), além das ideias de autores como Stuart Hall (2016), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), entre outros.

Palavras-chave: Representações. Culturas. Racismo. Chimamanda Ngozi Adichie.

“SEU NOME RIMAVA COM HAKUNA MATATA”: A STUDY ABOUT THE TALE “NO SEU PESCOÇO” BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

ABSTRACT: The article analyzes the short story “No seu pescoço” (2017), published in the book of the same name, written by Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. In this paper, it is observed how the United States and North American are represented and stereotyped from the point of view of the colonized - the character Akunna, who is Nigerian, born in Lagos; which elements of Nigerian cultures are still present in the life of the main character even when she moves to the state of Maine and, later, to Connecticut. In addition, the article intends to identify the racial prejudice experienced by the same character when establishing a loving relationship with a white North American man. We study the concept of “third space”/cultural hybridization, by Homi Bhabha (2013), and the abyssal thinking, by Boaventura de Sousa Santos (2018, 2020), as well as the ideas of authors such as Stuart Hall (2016), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), among others, will be discussed.

Keywords: Representation. Cultures. Racism. Chimamanda Ngozi Adichie.

INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo analisar o conto “No seu pescoço” (2017), publicado no livro de mesmo nome, de autoria da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. No Brasil, a edição estudada foi publicada na Editora Companhia das Letras e foi traduzida por

Julia Romeu. O livro, lançado originalmente em 2009, apresenta doze contos que discorrem sobre os mais variados assuntos, tais como: preconceito contra imigrantes, desigualdade social e de gênero, racismo, entre outros assuntos relevantes.

No conto “No Seu Pescoço” (2017), objeto de estudo deste artigo, a história é narrada em segunda pessoa e discorre sobre a chegada de uma nigeriana chamada Akunna aos Estados Unidos. Toda a narrativa se passa em torno desta personagem e do quanto ela precisa se adaptar como mulher, nigeriana/africana, estrangeira, às culturas estadunidenses, que em muito divergiam das culturas de seu país de origem, como se observará ao longo das discussões neste texto.

Este artigo tem como objetivos analisar de que forma os Estados Unidos e seu povo são representados a partir do olhar do colonizado – a personagem Akunna, que é nigeriana de Lagos; compreender quais elementos das culturas da Nigéria continuam presentes na vida da personagem principal mesmo quando ela se muda para o estado de Maine e, posteriormente, para Connecticut. Além disso, pretende identificar o racismo vivido pela personagem ao estabelecer um relacionamento amoroso com um homem estadunidense branco.

1 REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS

Segundo Stuart Hall (2016, p. 34), a representação conecta sentido e linguagem a processos culturais, pois, para o autor, é a “conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo *real* dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios”. Representar é, portanto, descrever, retratar, simbolizar, trazer à tona na mente por meio de descrição, modelo ou imaginação.

No caso do continente africano, ele é historicamente representado de forma essencializada, invisibilizada, como lugar de não pensamento, como “o outro lado da linha” (SANTOS, 2018, p. 639). No pensar de Boaventura de Sousa Santos, “a divisão¹ é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível” (SANTOS, 2018, p. 639-640).

Em diálogo com Sousa (2018), Gerson Albuquerque discorre sobre a essencialização de algumas regiões do mundo, e sobre essa “linha abissal”, que separa o norte e o sul,

¹ A divisão sobre a qual discute Santos (2018) refere-se às sociedades metropolitanas (o norte do mundo) e às sociedades coloniais (o sul do mundo).

identificando a África como uma sociedade colonial, um desses exemplos de sul do mundo:

A essencialização de identidades, lugares, regiões, pessoas se constituem como parte da produção de sentidos únicos, abstratos e a-históricos enquanto mecanismos de consolidação das formas de poder, mercado, desenvolvimento, progresso, modernidade e todas as suas variações e desdobramentos: história universal, arte universal, direitos universais, igualdade universal. Predomina aí toda uma lógica que preside a fratura global entre norte e sul, reduzindo tudo o que diz respeito a este último à dimensão do invisível na ‘linha abissal’ que separa o ‘moderno’ do ‘não-moderno’, o ‘civilizado’ do ‘não civilizado’ o ‘existente’ do ‘não-existente’ (ALBUQUERQUE, 2016, p. 78-79).

Albuquerque (2016) enfatiza, portanto, que alguns lugares, caso do continente africano, são marcados por narrações homogeneizadoras, e elaboradas, em sua maioria, pelo outro/estrangeiro, que busca a todo custo uniformizar sociedades complexas e formadas por multiplicidades culturais. Ainda sobre esse processo de essencialização e divisão do mundo, Mia Couto (2011) afirma que muito daquilo que se proclama como autenticamente africano resulta de invenções feitas fora do continente e absorvida pelos autóctones.

Infelizmente olhamo-nos mais como consumidores do que como produtores. A ideia de que África pode produzir arte, ciência e pensamento é estranha mesmo para muitos africanos. Até aqui o continente produziu recursos naturais e força laboral. Produziu futebolistas, dançarinos, artesãos. Tudo isso se aceita, tudo isso reside no domínio daquilo que se entende como ‘natureza’. Mas já poucos aceitarão que os africanos possam ser produtores de ideias, de ética e de modernidade. Não é preciso que os outros desacreditem. Nós próprios nos encarregamos dessa descrença (COUTO, 2011, p. 34).

Um dos aspectos observados no conto “No seu pescoço” (2017) são as representações apresentadas sobre a população e os seus respectivos hábitos a respeito dos dois países em questão: Estados Unidos e Nigéria. O que a autora pretende com isso é problematizar o “perigo da história única” (ADICHIE, 2019, p. 11). Os referidos países são representados a partir de fragmentos de narrativas, que dizem que os Estados Unidos são uma zona próspera, e estão “deste lado da linha” (SANTOS, 2018, p. 639), no comando do poder, no controle da situação.

Logo no início do conto, a autora enfatiza que os nigerianos pensam que nos Estados Unidos a população tem muito poder de compra: “um carro grande. Logo, uma casa grande” (ADICHIE, 2017, p. 125), e armas; e que ao trabalhar na “terra do Tio Sam” será possível comprar tudo o que queira, principalmente, as coisas supérfluas, tais como: “bolsas, sapatos,

perfumes, roupas” (ADICHIE, 2017, p. 125), pois este é um país onde se ganha dinheiro facilmente.

Por meio dos conflitos vividos pela personagem Akunna, o conto enfatiza que a vida nos EUA é pensada de forma positiva pelos nigerianos, assim como a vida nos países africanos é pensada de modo uniforme pelos estadunidenses, e sob o viés da pobreza, da fome e das dificuldades sociais. De um modo geral, narrativas como literatura e história representam a África como o “sul global” explorado, injustiçado, como explica o autor Boaventura de Sousa Santos: “o sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. A metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020, p. 15).

Neste conto “No seu pescoço” (2017), a Adichie problematiza essas concepções homogeneizadoras e essencializadas a respeito da África. Segundo a autora, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a história única” (ADICHIE, 2019, p. 26).

Durval Muniz Albuquerque Junior (2012, p. 13), escrevendo sobre o nordeste brasileiro, apresenta o mesmo pensamento de Adichie no que diz respeito aos estereótipos serem representações limitadoras e reducionistas de um povo e/ou lugar. Segundo o autor, o discurso da estereotipia é um discurso “assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural”. É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia e nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho. É uma espécie de esboço negativo do que é o outro. Dito de outro modo, “o estereótipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificadora” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13), tanto faz se essa leitura é sobre um país africano ou um estado do nordeste brasileiro.

Uma dessas simplificações a respeito da Nigéria/África é mencionada no conto quando a personagem principal, Akunna, diz que as pessoas não conhecem muito do continente de onde ela vem, e tentam identificá-lo fazendo menção unicamente a safáris. Observa-se isso na passagem a seguir: “Alguns que adivinhavam que você era africana diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári” (ADICHIE, 2017, p. 130).

A passagem anterior exemplifica o que Homi Bhabha pensa a respeito do que vem a ser estereótipo. Para o autor (2013, p. 130), estereótipo é uma falsa representação de uma dada

realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação “que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro pertinente), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais”.

É possível perceber essas caracterizações precipitadas quando a personagem desembarca em solo estadunidense e logo ganha do tio um cachorro-quente com mostarda amarela como símbolo de uma “Introdução aos Estados Unidos” (ADICHIE, 2017, p. 126). Essa é uma forma limitadora do tio de apresentá-la à cultura local, provavelmente, isso só acontece por ele entender que os nigerianos pensavam aquele país sob os estereótipos do senso comum – a terra do *fast food* e do *junk food*².

O contrário acontece em maior intensidade. Nos Estados Unidos, a personagem enfrenta diversos problemas com as representações que aquele povo tem do africano de um modo geral. Primeiro, a África é pensada no senso comum como sendo um país, onde todos agem, pensam e se comportam de forma homogênea, apesar de Adichie deixar bem claro na obra *O perigo de uma história única* (2019), que isso a irrita: “agora penso em mim como africana, embora ainda fique bastante irritada quando dizem que a África é um país” (2019, p. 18). Como não se sabe muito sobre o continente, as colegas de faculdade de Akunna, no conto “No seu pescoço” (2017), fazem questionamentos que demonstram o seu desconhecimento: “Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos” (ADICHIE, 2017, p. 126).

A escritora Adichie viveu em âmbito pessoal situação semelhante a da personagem ficcional, é o que ela relata na obra *O perigo de uma história única* (2019): “Ela [colega de quarto americana na faculdade] perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando respondi que a língua oficial da Nigéria era o inglês” (ADICHIE, 2019, p. 16). Para a colega de Adichie não havia como ser nigeriano e falar inglês, era preciso preencher os pré-requisitos de uma história única a respeito da África, o que não incluía falar o mesmo idioma dos estadunidenses:

[...] uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHIE, 2019, p. 17).

² Comida rápida e comida não saudável, respectivamente, em português.

A criação dessa história única dialoga com a ideia de negação da humanidade moderna, pois, para Boaventura de Sousa Santos, “a humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna. A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal” (SANTOS, 2018, p. 647). Dito de outro modo, os sub-humanizados são os negros, africanos/nigerianos, diaspóricos, pois têm seus direitos sociais, políticos e econômicos historicamente negados.

Segundo Albuquerque Junior (2012, p. 26), a maneira como imaginamos as nações e os povos é consequência de um processo histórico marcado pela colonização e pela produção de sentido causada por uma metrópole hegemônica que detinha o “monopólio sobre a escrita e sobre o poder de produzir sentido, de escrever e falar sobre o outro. Muitos dos nossos conceitos e preconceitos foram produzidos pelos colonizadores europeus, por isso é importante revisá-los e criticá-los”.

Há uma passagem no conto em que a personagem Akunna diz para o tio que ela recebe inúmeros questionamentos sobre a língua, o cabelo, a alimentação, entre outros aspectos, e ele afirma que isso é “uma mistura de ignorância e arrogância”. Isso é exemplo de quem não consegue aprender com a diferença e a trata pelo viés da discriminação. Diante dessa questão, Bhabha afirma sobre a necessidade de reconstruir discurso e rever identidades culturais:

Reconstituir o discurso da diferença cultural exige não apenas uma mudança de conteúdos e símbolos culturais; uma substituição dentro da mesma moldura temporal de representação nunca é adequada. Isto demanda uma revisão gramatical da temporalidade social na qual histórias emergentes possam ser escritas; demanda também a rearticulação do ‘signo’ no qual se possam inscrever identidades culturais (BHABHA, 2013, p. 276).

Para exemplificar a necessidade de rearticular signos e reescrever histórias, cita-se o trecho do conto em que o tio de Akunna conta que seus vizinhos achavam que africanos comiam animais selvagens, por isso concluíram que os esquilos da região tinham sumido depois que os nigerianos chegaram à vizinhança, como se observa na passagem seguinte: “alguns meses depois que ele [tio] se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer naquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem” (ADICHIE, 2017, p. 126).

A passagem do conto citada anteriormente corrobora com a ideia de Mia Couto (2011)

que enfatiza como os africanos não são pensados sob a perspectiva dos sujeitos sociais, dos que praticam, vivem e articulam saberes na História. Diante disso, suas identidades e seus processos históricos são invisibilizados:

De onde vem a dificuldade em nos pensarmos como sujeitos da História? Vem sobretudo de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade. Primeiro, os africanos foram negados. O seu território era a ausência, o seu tempo estava fora da História. Depois, os africanos foram estudados como um caso clínico. Agora, são ajudados a sobreviver no quintal da História (COUTO, 2011, p.29).

Essa negação e apagamento são vistas em outra passagem do conto que menciona o fato dos estrangeiros negros serem todos confundidos com jamaicanos nos Estados Unidos: “muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano” (ADICHIE, 2017, p. 130). Não importa a origem, ser negro e estrangeiro é estar do “outro lado da linha” (SANTOS, 2018, p. 639), inculcado em um grupo “naturalmente” dado como subalterno e invisível.

2 TERCEIRO ESPAÇO

No conto escrito por Adichie, a personagem nigeriana Akunna ajuda a entender as consequências da colonização no contexto do continente africano e o quanto é preciso resistir às interferências do colonizador com seu pensamento dominante. Mesmo nos Estados Unidos, a personagem protagonista não negligencia completamente os seus aspectos culturais e “negocia” o processo de hibridação, que acontece quando se entra em contato com o outro contrastante.

Para entender esse processo de hibridação cultural, usa-se neste artigo o conceito de “terceiro espaço” (1996, 2013), de Homi Bhabha. Assim, é possível identificar quais elementos da cultura nigeriana continuam presentes mesmo quando a personagem migra para os Estados Unidos e entra em contato com outros processos culturais na “zona civilizada” (SANTOS, 2018, p. 652).

Segundo Bhabha (2013, p. 75), o terceiro espaço permite que os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo. As pessoas podem, então, “negociar e

traduzir suas identidades na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural”. E foi exatamente isso que a Akunna fez, ela negociou as diferenças culturais para se adaptar à vida nos Estados Unidos.

Um desses exemplos de negociação diz respeito à língua e a gastronomia, por exemplo, pois ela se mantinha falando *igbo* com os familiares que residiam em Maine, e comendo *garri*, sopa de *onugbu* e *dawadawa*, pratos e temperos típicos da cidade de Lagos. Preservar esses aspectos culturais era uma forma de se manter vinculada a Nigéria/África e garantir que “nenhuma cultura é completa em si mesma” (BHABHA, 1996, p. 36), sempre haverá necessidade de traduções. Dito de outra forma, o que a personagem fez foi entrecruzar aspectos de suas culturas nigerianas com as práticas culturais estadunidenses. Ainda no pensar de Bhabha (1996, p. 36), “o ato de tradução cultural (...) nega o essencialismo de uma dada cultura antecedente, original ou originária, vemos então que todas as formas de cultura estão continuamente num processo de hibridação”, pois não há como sustentar essa noção de cultura inferior e superior, e impor uma cultura completamente sobre a outra.

De acordo com Everton Fernando Micheletti (2013), as culturas híbridas existem em relação umas com as outras, são marcadas pela diferença, o que pode gerar tensão e violência, mesmo assim, é difícil que uma cultura simplesmente ‘se apague’ diante da outra. Um exemplo de resistência a esse apagamento e a dominação da cultura de massa estadunidense é a passagem em que Akunna diz ao seu namorado que não conhece o filme *O Rei Leão*³, por exemplo. O namorado de Akunna afirma que “seu nome rimava com *hakuna matata* e *O Rei Leão* era o único filme sentimental do qual já tinha gostado na vida. Você não sabia o que era *O Rei Leão*” (ADICHIE, 2017, p. 131). Esse exemplo reflete duas perspectivas em oposição: de um lado, o rapaz estadunidense tentando sobrepor seus aspectos culturais, e do lado contrário, a moça nigeriana em constante processo de negociação cultural.

O personagem – homem branco, namorado de Akunna – sente-se pertencente à cultura do centro do mundo, a sociedade metropolitana e moderna, a “zona civilizada” (SOUSA, 2018, p. 652) e enfatiza isso por meio da cultura de massa, caso por exemplo, da menção a *O Rei Leão*, líder em bilheteria em seu país. Como poderia Akunna não conhecer esta obra fílmica tão famosa? De outra forma, é como se o “outro lado da linha” precisasse obrigatoriamente conhecer tudo que é produzido “deste lado da linha” (SOUSA, 2018, p.

³ Filme lançado originalmente em 1994 nos Estados Unidos. Uma das maiores bilheterias da história do cinema mundial (968 milhões de dólares).

639).

Ainda sobre a tensão e violência mencionada por Micheletti (2013), é importante que se destaque que uma das formas de violência criada pela não aceitação da diferença é a discriminação racial⁴ e o racismo⁵. E esse é outro aspecto tratado no conto “No seu pescoço” (2017), principalmente, quando Akunna inicia um relacionamento amoroso com um rapaz branco e estadunidense.

3 RACISMO

A relação de um homem branco com uma mulher negra é assunto recorrente na literatura de Adichie. Isso acontece, por exemplo, nas obras *Meio Sol Amarelo* (2006) e *Americanah* (2014). Nesta última obra, a personagem principal é nigeriana e se chama Ifemelu. Ela se relaciona com Curt, o “namorado branco e gostoso”.

A princípio, esse relacionamento parecia confortável, mas havia algumas implicações nesta relação amorosa. Ele era o homem branco, atencioso, e ela a mulher negra “bem tratada” que deveria ser grata e fiel àquela relação. Seu relacionamento com Curt enfraqueceu quando ela passou a afirmar sua identidade de mulher negra, e, então, compreendeu que nem todos os seus aspectos culturais e suas questões identitárias eram entendidas e/ou percebidas por ele. Na passagem a seguir, Ifemelu reflete sobre o que é ser negra e se apaixonar por uma pessoa branca nos Estados Unidos:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais (ADICHIE, 2014, p. 315).

⁴ Segundo Silvio Almeida (2018, p. 25), a discriminação racial é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados e tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça.

⁵ Para Silvio Almeida (2018, p. 25), o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem.

Esse assunto é retomado no conto “No seu pescoço” (2017). Akunna inicia um relacionamento com um homem branco e isso vai fazê-la experienciar situações de racismo, como quando o casal está em um restaurante chinês, e o garçom pergunta: “Você tem namorada em Xangai agora?” (ADICHIE, 2017, p. 134), ignorando-a por completo: “apesar de vocês irem ao Chang’s juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada” (ADICHIE, 2017, p. 134).

O preconceito sofrido por Akunna é consequência de se “fazer da diferença (seja ela racial, de gênero, de região, de classe) algo mais do que efetivamente é” (SCHWARCZ, 2012, p. 76). Em outros termos, a autora está dizendo que as diferenças raciais não podem ser tratadas como motivo para justificar socialmente preconceito e discriminações. A autora Djamila Ribeiro também enfatiza essa ideia quando afirma que “o problema seria quando as diferenças significam desigualdades” (RIBEIRO, 2017, p.53) e causam desonra e inferioridade. Dessa forma, o “racismo anula a individualidade para fazer (...) apenas o resumo das vantagens ou defeitos de seu ‘grupo racial de origem’” (SCHWARCZ, 2012, p.22). É possível perceber essa desigualdade e a anulação da individualidade no conto por meio do tratamento que as pessoas dão ao casal formado por uma mulher negra e um homem branco:

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais – o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras como pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia; os homens e mulheres brancos que diziam “Que casal lindo” num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta (ADICHIE, 2017, p. 136).

Akunna, por vezes, se sente como “um troféu exótico, uma presa de marfim” (ADICHIE, 2017, p. 137). É possível inferir, portanto, que isso acontece em decorrência desse “terceiro espaço” que ela tem que atravessar constantemente em busca de sua constituição identitária de mulher negra, nigeriana e migrante nos Estados Unidos.

Essa travessia é uma forma de combater o racismo, resistir, pois ele é a representação da “supremacia branca” (KILOMBA, 2019, p.76) e inclui “a dimensão do poder e é revelado

através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc” (KILOMBA, 2019, p.76). A autora Grada Kilomba (2019) afiança que a mulher negra, é percebida a partir de alguns aspectos que o inferiorizam. Para a autora, as mulheres negras são infantilizadas, primitivizadas, incivilizadas, animalizadas, erotizadas.

O diálogo que as colegas de faculdade de Akunna têm com ela é exemplo dessa infantilização com a qual é tratada, como percebido no seguinte trecho: “Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos” (ADICHIE, 2017, p. 126). A personagem é tratada como se tivesse vindo de um lugar onde as pessoas não têm direitos básicos, acesso à moradia, meio de transporte, absolutamente nada, uma “zona selvagem” (SANTOS, 2018, p. 652), que são “as zonas do estado de natureza hobbesiano, zonas de guerra civil interna como em muitas megacidades em todo Sul Global” (SANTOS, 2018, p. 654).

A primitivização está no tratamento que Akunna recebia das pessoas: os clientes do restaurante que a chamavam de jamaicana, o professor da faculdade que se achava melhor do que as pessoas dos países africanos que ele conheceu, os pais do namorado dela que eram demasiadamente simpáticos para que ela pensasse “que era tudo normal” (ADICHIE, 2017, p. 136) na relação com um homem branco. Akunna tem uma vida marcada pela sensação de inferioridade. Por isso, inclusive o autoflagelo que ela praticava: “batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços” (ADICHIE, 2017, p. 129).

Akunna era tratada como incivilizada quando o seu namorado não comia carne “porque achava errado o método com o qual matavam animais”. E queria que ela fizesse o mesmo, mas ela sentia vontade de comer tal alimento porque na Nigéria, “os pedaços de carne que você comia, quando havia carne, eram do tamanho de metade de um dedo” (ADICHIE, 2017, p. 134). Ou ainda quando era presenteada pelo namorado com objetos sem utilidade, como “uma bola de vidro do tamanho de um punho que você sacudia para ver uma boneca curvilínea e minúscula girar dentro dela” (ADICHIE, 2017, p. 135) e questionava a serventia do que recebia.

A animalização está na forma de trabalho que ela, mulher negra e estrangeira, tinha que aceitar. Trabalhava em um restaurante e exercia as mesmas funções dos demais funcionários, mas recebia menos e não tinha direitos trabalhistas. O chefe de Akunna “Disse

que lhe pagaria um dólar a menos, mas por fora; não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar” (ADICHIE, 2017, p. 127). Em contrapartida, “nunca tinha dinheiro o suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e sapatos para todos e ainda assim pagar o aluguel com o que ganhava como garçomete” (ADICHIE, 2017, p. 129).

A erotização é outro problema no universo das mulheres negras. E isso fica evidente quando Akunna é violentada sexualmente pelo tio, dono da casa onde ela morou assim que chegou aos Estados Unidos. É possível perceber isso no seguinte trecho: “seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos” (ADICHIE, 2017, p.127). O assédio sofrido pela mulher negra é decorrente do olhar colonizador sobre os corpos, pois “a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem” (RIBEIRO, 2017, p. 38).

No dizer da intelectual bell hooks (2019, p. 129), o corpo da mulher negra “é um campo de convergência entre racismo e sexualidade”. Dessa forma, “o racismo e o machismo são sistemas interligados de dominação” (HOOKS, 2019, p.138), pois o estupro era a norma cultural, “reconhecido como direito e como ritual pelos grupos dominantes compostos por homens brancos. O estupro também era a metáfora mais precisa para a colonização imperialista europeia na África e na América do Norte” (HOOKS, 2019, p. 129).

Diante disso, Adichie se utiliza do debate sobre as marcas da violência aos corpos das mulheres negras em sua narrativa ficcional para, por meio da personagem Akunna, expor a necessidade de discutir a interseccionalidade dos temas racismo, classe e gênero; e o quanto as formas de poder da branquitude e do patriarcado ajudam na manutenção dos processos de colonização, sobretudo, no que diz respeito às mulheres negras na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto estudado neste artigo, observa-se a forma como o colonizado, por meio da personagem nigeriana Akunna, idealiza que morar nos Estados Unidos é sinônimo de sucesso e prosperidade financeira. Contudo, quando a jovem se muda para o país, conhece a “linha abissal” e o “pensamento abissal” (SANTOS, 2018, p. 639) que o separa do restante do mundo e entende as dificuldades e os enfrentamentos de ser estrangeira, negra, ao vivenciar a falta de dinheiro, o racismo, o trabalho ilegal, marcado pela máxima “é dando que se recebe”

(ADICHIE, 2017, p. 126).

O conto escrito por Chimamanda Ngozi Adichie é um exemplo para problematizar a questão do “terceiro espaço”/hibridação cultural, pois o que se vê em Akunna é a transformação do discurso pronto. O que se sabia antes sobre o país estrangeiro não se efetiva, possibilitando que novos significados sejam construídos, a partir de suas experiências pluralizadas.

Apesar do mover dessas novas experiências, a violência do racismo e da posse dos corpos das mulheres negras ainda se manifesta. Por sinal, a violência dos corpos negros é algo histórico, marca do colonizador, como citado anteriormente, e acontece desde o tráfico e exploração de escravos, comandado pelos europeus a partir do século XVI, da África para as colônias.

Adichie evidencia em sua obra que ser mulher, negra, estrangeira é um desafio, uma constante travessia, uma luta para “existir”, “significar” e “ser compreendida”. O exercício da protagonista do conto é, portanto, “ser”, “pertencer”, “pensar”, “falar”, “agir”, “verbalizar” sua maneira de estar no mundo marcado pela diferença, habitado por muitas culturas, dividido por linhas abissais, que definem o eu e o outro, o civilizado e o não civilizado, o existente e o não existente.

Homi Bhabha (1996, p. 36), diante deste cenário de diferenças, alerta que “é muito difícil, e até mesmo contraproducente e impossível, tentar e conseguir juntar diferentes formas de cultura, pretendendo que elas possam coexistir facilmente”. Diante dessas dificuldades de (com)viver com culturas diferentes, sempre haverá necessidade de tradução e negociação como bem se pode observar no conto “No seu pescoço” (2017) por meio da personagem Akunna.

Apesar de todas as experiências negativas da personagem Akunna, expostas no conto, é possível observar os processos de resistência e o quanto a jovem “negocia” com as culturas estadunidenses para preservar aspectos das culturas nigerianas, sobretudo, por meio da manutenção de sua língua e do consumo de alguns alimentos, que remetem as experiências vividas em família na Nigéria.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

ALBUQUERQUE, Gerson. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwa'kürü Dicionário Analítico**. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BHABHA, Homi K. O Terceiro Espaço: uma entrevista com Homi Bhabha. In: RUTHERFORD, Jonathan. **Revista do Patrimônio histórico e artístico nacional**, v. 34, 1996.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** e outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jesus Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MICHELETTI, Everton Fernando. O “terceiro espaço” em “O embondeiro que sonhava pássaros”, de Mia Couto, e “A Árvore que tinha batucada”, de Boaventura Cardoso. In: **Anais**. XIII Congresso Internacional da ABRALIC: Internacionalização do Regional. 8 a 12 de julho de 2013, Campinha Grande, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Essencial. Para um pensamento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, v.1, 2018.